

(Des) plugados



Smoking
- last-plugged
- music
- festival
- Brazil
ana
1999

Camila Souza

(Des)plugados

Camila Souza

Nota da Autora

Esta obra contém diálogos em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e por ser uma língua com gramática e estrutura próprias, as falas foram adaptadas em Língua Portuguesa para melhor compreensão do leitor.

No texto, é possível notá-la ao emprego do *itálico*.

A comunidade surda possui uma cultura muito rica e para saber mais, confira as indicações listadas no final.

“ As melhores e mais belas coisas do mundo não podem ser vistas ou tocadas. Elas devem ser sentidas com o coração.”

Hellen Keller

Está quente.

Eu consigo sentir algumas gotas de suor se formarem em minha testa, enquanto ando pela calçada cheia de gente.

Apesar do calor, uso minhas calças jeans rasgadas nos joelhos e meu velho par de *All Star* clássico preto. Se estivesse usando um vestido ou até mesmo de shorts, uma assadura enorme e dolorida estaria se formando na parte de dentro das minhas coxas. Ah, as vantagens de ter uma bunda grande e pernas grossas. Se bem que isso nem chega perto de ser um problema – e não tem nada melhor que conforto para encarar um dia inteiro em festival de rock.

Estamos em 1998 e é a primeira edição no do *(Un)plugged Music Festival* no Brasil. No formato original, conta apenas com *sets* acústicos, mas aqui, teremos o privilégio de curtir as bandas completamente plugadas, o que não faz tanta diferença para mim. O importante é que é a minha chance de assistir *The Smashing Pumpkins* ao vivo. Só de pensar, tenho vontade de sair pulando pela rua, em meio aos meus milhares de companheiros de festival, os quais se organizam em uma fila a perder de vista.

É então que vejo meu melhor amigo correndo em minha direção. Ele acena e me recebe com o maior sorriso do mundo.

– Você tá atrasado — reclamo enquanto puxo a criatura para um abraço.

– *Eu sei. Desculpa, mas você não tem ideia do que aconteceu no caminho* — ele diz em LIBRAS me preparando para o que vem a

seguir — *você acredita que uma mulher resolveu entrar em trabalho de parto DENTRO DO ÔNIBUS? Foi horrível. Quer dizer, coitada, mas os gritos vão ficar para sempre gravados no meu subconsciente* — seus dedos são rápidos ao descrever a cena e a expressão de horror dá o toque final. Impossível não rir.

— *Coitada da mulher!* — sinalizo de volta sem tirar o riso de meu rosto.

— *Coitado de mim que fiquei traumatizado quando olhei bem na hora em que ela...*

— Chega! — verbalizo ainda rindo.

— *Tudo bem* — ele gesticula e pausa para se recompor e limpar o suor da cabeça perfeitamente raspada — *vem, pedi para um cara fofo guardar nossos lugares na fila.*

Concordo e seguimos caminhando lado a lado, debaixo do sol a pino do meio-dia. Insisto para que Téo me acompanhe com uma cerveja. Ele protesta por alguns longos segundos, mas logo cede e fazemos uma parada rápida, em uma das barracas.

Ele conversa com a vendedora de meia-idade, mas o sol reflete forte em todos os lugares onde olho – o que me impossibilita de ler os lábios dele para entender a conversa. Apenas pago e agradeço, como sempre faço em situações assim.

Sei que muita gente, se tivesse coragem, me questionaria ou acharia estranho uma garota surda em um festival de música. Mas não me importo com isso. Nasci ouvinte e fui perdendo a minha audição aos poucos. Entre médicos e diagnósticos, lidei com este processo a minha vida inteira, então, não chega a ser algo que me surpreenda – eu meio que sempre soube que isto aconteceria um dia.

As pessoas não sabem que a questão da surdez é um espectro muito amplo. O fato de eu conseguir ouvir música quando o som está muito alto e não ser capaz de escutar pessoas conversando ao meu redor, não me faz mais e nem menos surda do que outras pessoas.

Téo é meu melhor amigo. Estudamos juntos desde a segunda série, quando ele entrou na escola e sentou à minha frente. Eu pedi uma de suas várias lapiseiras emprestadas e, desde então, não

desgrudamos mais. Ele aprendeu LIBRAS por mim, por eu não conseguir compreender mais as vozes – algo que a minha própria família não se deu ao trabalho de fazer. Consigo entendê-los perfeitamente – eles só não sabem o quanto isto exige de meu cérebro. Porém, nada disso importa. Hoje é o dia que verei *The Smashing Pumpkins* ao vivo, sem precisar conter a minha alegria. É minha banda favorita de toda vida, porque mesmo sem conseguir ouvir todas as notas, as letras das músicas me arrepiam da cabeça aos pés.

Brindo a cerveja com o meu melhor amigo. No calor, a bebida gelada refresca e me acalma ao mesmo tempo. Suspiro, fecho os olhos e nem meio segundo depois, já sinto um dos braços de Téo ao meu redor. Olho para ele e lanço um sorriso largo mostrando todos os meus dentes.

A própria ideia de festival já deixa subentendido que é uma celebração da música com muita gente, mas nada me preparava para o mar de pessoas que esperavam, junto à calçada, a abertura dos portões.

Será que vai caber todas essas pessoas lá dentro?

— *Nosso lugar é logo embaixo daquela árvore* — Téo aponta para o espaço alguns metros à nossa frente. Agradeço mentalmente, porque não sei por quanto tempo mais eu aguentaria andar por debaixo deste sol quente.

Olho em meu relógio: mais dez minutos até os portões abrirem.

Meu amigo agradece o cara que guardou nossos lugares – e ele não mentiu quando disse que era fofo. Nossa! Esses cabelos escuros emolduram o formato da cabeça, com mechas as quais parecem ter vontade própria e caem cobrindo as orelhas e um pedaço da testa. Os óculos escuros alinham o rosto dele. E ele ainda usa a camiseta de minha banda favorita.

— *Gato* — sinalizo para Téo e me arrependo logo em seguida com medo que ele faça algum comentário em voz alta e me mate de vergonha. Felizmente, ele só ri e faz o sinal de jóia com o polegar.

Encosto na grade e passo minhas mãos pelos meus cabelos curtos na altura do pescoço e encaracolados. Também tiro um

pedaço de papel higiênico que sempre carrego comigo em uma pequena bolsa e seco o suor dos meus aparelhos auditivos. Eles não me fazem entender os sons à minha volta, mas me ajudam a distinguir de onde eles vêm, então, cuido muito bem deles, porque além de me ajudarem muito, custaram caro para cacete.

Quando termino, reorganizo minha pequena bolsa que também contém meu documento, dinheiro, uma caneta e um bloco de papel que uso para me comunicar com as pessoas.

Sinto Téio pousar a mão delicadamente em meu ombro. Viro-me de frente a ele.

— *Preciso de uma água, você também quer?*

— *Sim, tô morrendo de sede, mas você se importa se eu esperar aqui?* — minha boca nem produz mais saliva de tão seca, mas não consigo nem pensar em andar mais no sol.

— *Claro que não, tem um cara vendendo logo ali na frente. Já volto. Enquanto isso, faz amizade com o carinha aqui do meu lado. O nome dele é Murilo* — ele me lança uma piscadinha e sai saltitando.

Respiro fundo, mas é claro que eu não vou puxar papo. Minhas habilidades sociais nunca foram o meu forte.

De repente, vejo minha caneta preta decorada com bolinhas brancas flutuar em frente ao meu rosto. Percebo que as mãos que a seguram pertencem ao Murilo, vulgo, o cara fofo.

— Esta caneta é sua? — noto que ele fala bem devagar e consigo ler seus lábios perfeitamente.

— É... valeu — sorrio e pego o objeto de suas mãos guardando de volta dentro da bolsa.

— Você... me ouve? — ele pergunta com as sobrancelhas arregaladas.

Não é a primeira vez que alguém me faz esta pergunta. Muita gente até duvida que sou mesmo surda, porque sou capaz de falar — é difícil educar as pessoas que o termo surdo-mudo, além de incorreto, chega a ser ofensivo. Toda pessoa surda é capaz de produzir sons. Esta capacidade se revela mais se pessoa se sentir confortável ao reproduzir o que entende, principalmente, se passar por um processo de Fonoaudiologia. Temos a nossa voz. Só não

importa se ela sai das cordas vocais, das mãos ou da tinta de uma caneta.

— Não — lanço um sorriso simpático, não porque o cara é fofo, mas porque ele foi educado comigo, pelo menos até agora — mas consigo ler seus lábios.

— Ah, legal — ele responde e a fila começa a andar ao mesmo tempo em que Téo volta com as nossas águas.

Passamos pela entrada, entregamos os ingressos, somos revistados e logo estamos dentro do *Un(plugged) Music Festival Brasil 98*. Sinto vontade de pular e dar cambalhotas no chão, mas me contento em abraçar Téo aos gritos.

— *Olha o tamanho disso* — sinalizo e aponto para todos os lados. O lugar é realmente enorme e nem dá para ver os três palcos de onde estamos. O terreno é irregular, com alguns pontos mais altos e coberto por uma grama extremamente verde que brilha sobre a luz do sol. Lembro de ver no mapa que cada palco fica virado para uma direção, assim o som de um show não interfere em outro. Sinto a vibração da música vinda do palco principal bem em nossa frente. A batida é rápida e não preciso nem olhar no telão para descobrir que é uma banda de metal.

— *Caralho, Ana, tem até uma roda-gigante* — seus sinais são exagerados assim como a expressão dele.

Não demora muito para percebermos que todas as atrações exigem muita fila e tempo de espera de no mínimo meia hora. Seguimos mesmo assim aproveitando o tempo que temos até a primeira banda subir ao palco, nas próximas duas horas.

Estou louca para ver este lugar inteiro do topo do brinquedo do parque e, apesar de ser longa, a fila anda rápido.

Passamos os primeiros quinze minutos jogando conversa fora para mantermos a animação. Percebo algumas pessoas nos encarando — provavelmente por conta dos sinais, mas as ignoro completamente. Afinal, é algo com o que tive que me acostumar, principalmente, nos dois últimos anos, quando não consegui mais ouvir as pessoas.

— *Não olha agora, mas o cara que guardou nosso lugar na fila tá bem atrás de você* — Téo indica, o que me faz olhar

imediatamente.

Sabe a expressão: “A curiosidade matou o gato”? Pois é, foi feita sob medida para mim e tenho certeza que algum dia ainda vai me trazer problemas – só não parece ser o caso de agora. Assim que olho para trás, o cara sorri discretamente, sem demonstrar qualquer incômodo. Sem escolha, repito o mesmo gesto e arrisco um sorriso contido.

Téo só falta pular em meu pescoço dando gritinhos.

Olho para o lado e vejo uma garota visivelmente bêbada, usando um vestido preto com meia-calça da mesma cor, caminhar à nossa direção. Ela está visivelmente alterada e não consigo ler os lábios dela para entender o que aconteceu. Como a maquiagem está borrada, desconfio que ela tenha chorado bastante.

Ela chega bem perto de mim, sinto seus dedos frios encostando em meu pulso, mas não consigo tirar meus olhos do rosto perturbado da menina. Em seguida, sinto um *clique* e assisto à garota se afastar, virar para o lado e vomitar. Tanto eu quanto *o-cara-fofo-da-fila* vamos em direção a ela para ajudá-la, mas acabamos escorregando no que ela colocou para fora.

Que nojo!

E é então que percebo que a mão esquerda dele está presa à minha, em um par de algemas.

Que porra é essa?

Algumas pessoas se juntam para ajudar a menina que agora está desacordada e Téo se ajoelha em minha frente.

— *O que aconteceu?* — ele pergunta preocupado e eu apenas aponto para minha mão grudada na de Murilo. Não é possível que tenha sido a garota, grito em minha mente.

— *Que merda* — meu amigo continua enquanto a menina é levada por algumas pessoas à enfermaria.

— A criatura simplesmente chegou perto e colocou esse negócio em nossos pulsos. O que a gente faz? — verbalizo para que os dois me entendam e sinto que meu tom de voz beira o desespero.

— Tem um posto de segurança ao lado das barracas de comida, acho que eles podem ajudar — Murilo fala devagar, o que me faz

conseguir ler perfeitamente os lábios dele. Eu me pergunto se foi proposital.

Ele me ajuda a levantar e seguimos para o lugar que já não lembro mais onde fica. Para completar a situação, Téo nos segue com os olhos arregalados – sem disfarçar. Espero de verdade que eles tenham tipo, uma chave de algemas universal ou algo assim, porque logo nos primeiros passos já percebo que não é fácil andar presa à outra pessoa, principalmente, quando cada um quer seguir para um canto e as algemas nos puxam para mais perto.

Não demora muito para chegarmos no posto de segurança. Só sei suspirar – e baixo, para controlar a ansiedade e a respiração. Meu colega de algemas começa a conversar com o guarda, mas eles falam tão rápido que não consigo acompanhá-los – só o riso debochado do cara de uniforme.

Murilo é insistente e noto o semblante vermelho no rosto. Ele fica nervoso e agradeço pelo meu melhor amigo estar ali, já que não posso fugir.

— Murilo tá dizendo — Téo faz a interpretação em LIBRAS — que alguém tem que saber como resolver isto e uma pessoa não pode entrar com um par de algemas assim no festival, afinal todos passaram por uma revista. E o guarda disse que lamenta, mas não há nada que possam fazer. A única coisa que podem tentar é conversar com a produção para liberarem vocês para irem até um chaveiro e depois voltarem ao festival.

Pelo menos é alguma coisa e estou quase insistindo para que Murilo aceite esta única solução. Contudo, quando paro para refletir melhor, estamos tão longe de qualquer lugar, que levaríamos pelo menos uma hora para ir e outra para voltar. Fora a incerteza de que o chaveiro estará aberto, em pleno sábado, e de como nos livrará disto aqui.

Sinto Murilo desanimar. Os braços pesados dele caem ao lado do corpo, o que o faz puxar minha mão junto a dele.

Observo a tenda onde estamos e reparo em um equipamento contra incêndio, com o seguinte lembrete: “Em caso de incêndio, quebre o vidro”. Me lembro de *Titanic*, quando Rose tenta libertar

Jack com um machado. Se alguém entrou *aqui*, com um par de algemas, uma outra pessoa pode muito bem ter um machado.

Socorro, eu devo estar perdendo completamente o juízo.

Suspiro.

— Olha só — limpo a minha garganta e encaro Murilo bem no fundo dos olhos — a gente gosta da mesma banda e não *tô* muito a fim de perder o festival. Tudo bem se a gente resolver isso — ergo nossas mãos — depois?

Ele não me encara e desvia os olhos para o chão.

Torço para que aceite ao mesmo tempo que tento afastar de minha mente, os pensamentos sobre eu não ter a mínima ideia de quem ele é, de onde veio, se já usou algemas antes, se planejava ficar chapado... ou algo assim.

— Acho que a gente não tem opção — ele diz ao dar de ombros.

Pego o papel e caneta da minha bolsa e começo a escrever. É mais confortável, já que não consigo saber o quão alta a minha voz está quando falo, em meio a tantas outras pessoas. Ainda bem que que minha mão livre é a esquerda – sendo canhota, é mais fácil de escrever.

Meu nome é Ana. O que você quer fazer primeiro?

Ele lê o bilhete e sorri, completamente, pela primeira vez. Um sorriso sincero, de ponta a ponta, o qual me derrete toda ao exibir os dentes – reparo que os olhos dele ficam tão pequenos quanto o medo que eu senti minutos atrás. Ah, e um dos caninos dele é levemente desalinhado dos outros. Não sou dentista e nem nada, mas isso o deixa ainda mais fofo e com um riso único.

Murilo. Daqui a meia hora a banda de um amigo meu vai tocar no palco 3. Ele vai ficar uma fera se eu não assistir.

Leio a caligrafia inclinada à direita, formada em letra bastão. Checo o mapa do festival pendurado na parede. O Palco 3 fica do outro lado de onde estamos.

— *Pensem pelo lado positivo* — Téo verbaliza e usa sinais — *pelo menos não tá chovendo. Eu precisaria de um balde de pipoca para assistir vocês escorregando e se enchendo de lama como em Woodstock.*

Sinto Murilo relaxar ao meu lado.

— Vem — digo ao estender minha única mão livre para guiá-lo junto ao Téo — a gente vai ter que correr.

Murilo sabe de cor todas as músicas. Percebo pelas vibrações que batida me agrada e dá a impressão de ser um rock melódico.

Não tem muita gente agora. Talvez a banda não seja tão conhecida – eu mesma não sei quem são. Não demora muito e conseguimos ver o palco sem precisar nos espremermos entre os fãs suados.

O sol segue forte no começo da tarde, mas logo conseguimos um espaço em uma sombra perdida. Passamos o show todo ali.

— *Esses caras são muito bons* — Téo diz em sinais - *o baixista é a coisa mais linda deste mundo.*

Observo o músico no palco e, realmente, os *dreads* dele balançam sem parar junto ao movimento intenso da cabeça. Ele veste uma camiseta preta, tão justa quanto essa algema em meu pulso, com um colete jeans por cima.

— *Não me importaria de ficar presa a ele* — aponto para o palco e Téo solta uma gargalhada que faz Murilo olhar para a gente sem entender nada .

É horrível ter que sinalizar apenas com uma mão. Requer o dobro do esforço e alguns sinais ficam incompletos. De qualquer forma, tenho evitado usar LIBRAS na presença do Murilo, porque ao contrário de como as pessoas agem na minha presença, eu tento considerar quem está ao meu lado, em uma conversa – o mínimo que posso fazer é incluir o coitado em nossos diálogos sobre o clima, a banda e o cheiro de maconha.

Todas as “conversas” foram iniciadas por Téo, o que me faz ser extremamente grata pelo meu melhor amigo ter o mesmo gosto

musical que eu. Aparentemente, está se divertindo com o show e com toda a situação.

Meus olhos percorrem o palco. Noto que a baterista é uma mulher cheia de atitude e coberta de tatuagens nos dois braços expostos pela camiseta preta sem manga. Os cabelos compridos voam como se tivessem vida própria, conforme ela arremessa as baquetas contra o instrumento. Ela é simplesmente *foda*.

Inesperadamente, consigo identificar meu amigo cantando uma música e sei que é algo *punk*. Sinto as vibrações reverberarem dentro de mim e danço sem me importar com nada. Téo está pulando junto a uma galera próxima do palco e, como sei a música de cor, canto o mais alto que posso – ninguém vai se importar mesmo, penso. Quando reparo, Murilo faz o mesmo que eu e me encara como se não estivesse, tecnicamente, preso ao chão.

Preciso desligar os meus aparelhos auditivos, porque o som chega de um jeito que faz minha cabeça doer. Seguro a minha mão algemada na dele, fecho os dedos com força, sentindo a eletricidade correr por todo o meu corpo – algo muito diferente da vibração da música. Então, o puxo para mais perto das pessoas que estão pulando junto ao Téo e fazemos o mesmo.

Estamos cercados agora. O calor triplica por conta da quantidade de gente tão perto, mas mantemos o ritmo enquanto pulamos e berramos junto à canção. Somos arrastados por quem está próximo e, na hora, não penso nos estranhos suados. Apenas sinto a música – é a melhor sensação que já tive na vida. Quando acaba, a banda se despede, o pessoal começa a dispersar e sobramos apenas Murilo e eu, ambos ofegantes e molhados. Tenho certeza que meus cabelos estão completamente bagunçados, mas não dou a mínima, valeu cada segundo.

Ficamos parados enquanto nos recompomos até Téo aparecer.

– *Ana, você não imagina quem eu acabei de encontrar* — ele verbaliza e sinaliza ao mesmo tempo.

– Sei lá, o Xororó — vejo Murilo cobrir a boca com a mão livre e seu corpo todo sacode com uma risada que eu realmente queria ser capaz de ouvir.

— *Claro que não, tonta. Lembra do Fred, que estudou com a gente no Ensino Médio?* — seus dedos praticamente flutuam enquanto ele usa sinais e a voz ao mesmo tempo. A euforia dele é quase palpável.

Fred sempre foi um cara quieto, na dele, extremamente inteligente e inacessível. Não o vimos desde que nos formamos, há quatro meses.

— E cadê ele? — pergunto curiosa.

Téo olha para trás e chama nosso “colega” de escola.

Fred se aproxima lentamente e com as mãos nos bolsos. Noto que ele não mudou nada nesses quatro meses, os cabelos castanhos e curtos dele continuam partidos de lado perfeitamente penteados.

— Oi Ana — leio seus lábios tímidos, porém arriscando um sorriso.

— E aí Fred? — respondo com outra pergunta.

Fazemos as devidas apresentações e logo somos um grupo de quatro pessoas conversando sobre o festival, bebidas e fofocas sobre as bandas. Téo é um anjo e faz toda a interpretação em LIBRAS para que eu não tenha nenhum problema em nossa comunicação.

Seguimos para o próximo show no qual uma *girlband* domina o palco com coreografias, microfones presos às cabeças e uma delicadeza sem igual.

Presto atenção em seus movimentos perfeitamente ensaiados, mas quando olho para meu amigo, ele e nosso ex-colega de escola estão cochichando em uma bolha particular. Sei que eles queriam ficar um pouco sozinhos, então cutuco o ombro de Téo.

— *Pode dar uma volta com o Fred se você quiser.* — sinalizo e arqueio minhas sobrancelhas sugestivamente.

— *Esquece, não vou te deixar sozinha.* — sua expressão é séria e seus lábios estão pressionados em uma linha.

— *Tá tudo bem. Eu vou ficar legal.*

— *Não.*

— Vai logo, o que você *tá* esperando? — verbalizo e sinto Murilo se aproximar agora. É meio que impossível manter a privacidade deste jeito.

— *Tem certeza?* — as mãos dele são acompanhadas por uma expressão receosa.

— Claro — respondo sem ser completamente verdade. Não estou cem por cento a fim de ficar grudada a um estranho, sem meu melhor amigo por perto. Porém, ele sempre teve uma queda pelo Fred, então, jamais que eu pensaria em impedi-lo. — A gente se encontra, às seis horas, na roda-gigante. O Murilo vai se comportar muito bem, não é? — provoco o garoto preso a mim que concorda veemente com a cabeça, mas espero que meu amigo nem pense em deixar esta chance escapar.

— *Você é a melhor amiga do mundo* — a expressão de Téo é mais suave e ele me puxa para um abraço meio de lado, na tentativa de respeitar o meu companheiro de cela ao ar livre.

— Cuidado! — grito como uma mãe protetora, enquanto Téo se afasta.

Ele faz o número dois deitado com as mãos sinalizando *sempre* e então some na multidão.

Murilo toca levemente em meu ombro e me mostra o bloco de papel, o qual eu havia esquecido com ele.

Você tá bem?

Tudo certo.

Respondo ao apoiar o papel na minha coxa junto a um sorriso.

Agora é sua vez.

Do quê?

De decidir o que vamos fazer.

Passamos o bloco como se fosse uma bola de tênis e sinto o meu estômago roncar levemente.

A gente poderia comer alguma coisa.

Você acaba de ler meus pensamentos.

Andamos pela multidão lado a lado, como se fosse possível existir silêncio em um festival.

De repente, sinto uma vontade súbita de fazer várias perguntas sobre a vida dele, afinal, não é fácil ter que ficar *colada* em um rapaz o dia inteiro. Um cara bem gato, com bom gosto musical e que me respeitou bastante até agora, mas ainda assim, um *estranho*.

Se eu achei difícil andar presa a alguém, comer está sendo quase impossível. Ficamos nos puxando toda hora, e não consigo segurar a gargalhada quando Murilo derruba uma batata frita, que está prestes a colocar na boca, depois de eu puxar a mão dele sem querer.

Ele ri em sinal de negação.

Ainda temos muito o que fazer e parece um desperdício de tempo, ficamos sentados repondo as energias após DOIS SHOWS e uma dose de drama. Contudo, eu realmente preciso descansar – e pelo jeito, Murilo também.

E então, qual é o seu lance?

Passo o bloco de papel para que ele consiga ler. Um ar confuso estampa o rosto dele.

– Lance? — consigo ler seus lábios.

– É, tipo, eu tenho nojo de lágrimas. Minhas e de outras pessoas, então é uma merda quando tenho que consolar alguém que *tá* chorando. Qual é o seu?

Ele para e continua a me encarar de um jeito tão intenso com aqueles olhos castanhos e sobrancelhas grossas que, por um momento, me faz querer correr sem precisar sair dali.

Será que falei baixo demais ou não consegui me explicar direito?

Ele pega o bloco e começa a escrever.

Esse não é o seu lance completo, só uma parte muito pequena. Qual é o seu lance inteiro?

Nada disso. Eu perguntei primeiro.

Murilo suspira e começa a deslizar a caneta no papel com mais paciência.

Sei lá, o que você quer saber?

Por que você veio sozinho ao festival? Espero que seu lance não seja assassinar garotas surdas algemadas a você.

Rio. Porém, enquanto ele lê, percebo levemente a boca dele entreaberta. Os olhos arregalados dizem que ele não entendeu a piada.

— É brincadeira — digo ao ver a expressão de pânico mudar para a de alívio.

Vim sozinho, porque eu gosto. Principalmente de escutar música e curtir o show em paz.

E você acabou sendo acorrentado à 'Ana-Que-Tem-Nojo-De-Lágrimas'.

Escrevo meio que sem pensar.

Como não o conheço, fico preocupada ao vê-lo correr a mão livre pelos cabelos. Ele fica inexpressivo por um instante. Isto me faz querer riscar por cima do comentário, mas ele não me dá chance. Pega o papel e começa a redigir algo que dura apenas alguns segundos. Quando me passa o bloco, a letra é menos perfeita – o que deixa óbvio a ansiedade registrada ali.

Não é isso. Não mesmo.

Murilo escreve, mas para por alguns segundos. Observo que ele está claramente em dúvida sobre o que colocar no papel e a testa franzida enquanto ele tamborila a caneta no bloco é o sinal mais óbvio .

— O que você faz? — verbalizo e me dou conta de que é a pergunta mais clichê que eu poderia ter feito, mas já é tarde, porque além de me ouvir, Murilo já está respondendo.

Eu fazia parte daquela banda que a gente acabou de ver. Ajudei a escrever a maior parte das canções e era o guitarrista, mas tive que escolher sair do grupo por causa da faculdade.

— Você estuda música? — continuo usando minha voz, porque ele ainda segura a caneta e o papel.

Não. Estou no segundo ano de Biomedicina e trabalho no laboratório da faculdade. Eu amo música e adoro tocar, mas quando tiver, sei lá, 40 anos, me vejo um professor e não um músico.

Sorrio ao ler sua resposta, enquanto sinto o olhar dele em mim. E quando nossos olhos se encontram, vejo sinceridade, percebo que é importante para ele que eu me sinta relaxada em sua companhia.

— E você? — os lábios de Murilo dizem com uma curiosidade genuína.

— Meu pai é *chef* e tem um restaurante no Centro. Trabalho lá desde que eu tinha uns treze anos e é onde dedico a maior parte de meu tempo, principalmente, com o fim do Ensino Médio, no ano passado. Sei fazer pratos sofisticados, mas meu coração bate mais forte pelo arroz com feijão mesmo.

De um jeito ou de outro acho que nós dois trabalhamos em um laboratório.

Ele passa o papel para mim e me pego sorrindo mais uma vez. Concordo com a cabeça e suspiro.

— E você gosta de ficar no laboratório? — pergunto sem conseguir controlar a minha curiosidade. Já que temos que ficar juntos durante o dia todo, pelo menos tento conhecer o cara.

Posso ficar horas no laboratório sem perceber o tempo passar e acho que estudar vírus é um negócio bem menos complicado que os seres humanos. Quem sabe eu não

encontro a cura para um vírus do futuro. E como é sua rotina no restaurante?

— Passo a maior parte do tempo na rotina administrativa, mas quando temos muito movimento, meu pai pede minha ajuda na cozinha. Também é uma chance de passarmos um tempo só nós dois. Não temos tantas oportunidades assim em casa.

Percebo que as palavras saem da minha boca sem o mínimo controle. Tentar fazer amizade com Murilo é uma coisa, agora fazer do cara meu psicólogo é outra completamente diferente.

— Por quê? — ele pergunta para minha surpresa.

— Minha mãe morreu quando eu era muito pequena, mas tenho cinco tias que cumprem este papel muito bem, só que elas me sufocam as vezes, sabe. Ainda mais depois que perdi minha audição, elas sempre duvidam da minha capacidade de fazer qualquer coisa.

Posso imaginar. Eu tenho três irmãos, mas sou o primeiro a chegar na faculdade, então a pressão de fazer tudo certo é enorme.

E é isso.

Em nenhum momento ele me olhou com pena ou tentou me dar um discurso heróico em que ele tenta se colocar no meu lugar e me ensinar sobre a minha própria vida e realidade. Mas ao invés disso, ele escreveu *Posso imaginar* e é a melhor coisa que já vi algum estranho falar sobre a minha vida.

— Eu sei que você *tá* curioso — digo olhando para a grama, mas me forço a olhar para ele e saber sua resposta.

— Sobre...? — leio seus lábios.

Respondo apontando meus dois dedos indicadores para minhas orelhas.

Você tá certa. Mas não precisa me falar nada se não quiser.

Mas eu quero. E quando me dou conta, já estou abrindo a boca para contar a ele mais detalhes sobre a minha vida.

— As coisas soam para mim como se eu estivesse embaixo d'água e não consigo ouvir sons mais agudos, nem as vozes de quem está perto. Consigo ler lábios se a pessoa estiver olhando diretamente para mim e o ambiente estiver bem iluminado, mas é muito cansativo e não entendo todas as coisas. Como um quebra-cabeças, meu cérebro completa as lacunas com possíveis opções, por isso a Língua de Sinais é a melhor forma de eu me comunicar.

Sinto minha boca seca e tomo o resto da água em meu copo enquanto Murilo escreve. Mordo a pele do canto da unha de meu polegar esquerdo a fim de desviar da expressão congelada dele. Os movimentos são tão minuciosos e rápidos, que mal noto ele devolver o papel com algo escrito.

Como eu digo arroz e feijão em LIBRAS?

É muito difícil mostrar quando as algemas me limitam. Tento esfregar meus punhos fechados lado a lado com os polegares de fora e apontados para cima, enquanto digo "arroz" e ele repete o movimento puxando meu braço para perto. Ele repete o sinal várias vezes até eu dizer que está bom. Fazemos a mesma coisa com o sinal de feijão. Rimos.

Me sinto o máximo ensinando nem que seja um pouco da minha cultura para alguém que me olha e não vê um rótulo, mas sim a Ana.

— Pronto! Agora, a gente já pode ir para o próximo show — Murilo verbaliza devagar o suficiente para eu entender, o que é ótimo e é mais um motivo para que eu possa olhar aos lábios dele sem me preocupar.

Uma dupla de rap domina o palco e faz o público cantar, balançar a cabeça e jogar as mãos para o alto de acordo com os comandos dos vocalistas. Eles usam roupas largas e *bucket hats* coloridos nas cabeças. Não estamos tão perto, mas o telão nos ajuda a enxergar perfeitamente a dupla mais divertida do festival até agora.

Sinto meu peito vibrar junto com as notas musicais e é impossível não sorrir. Os olhos de Murilo estão em mim e não preciso

encará-lo para saber disso. Fixo no palco para desviar os pensamentos, porque é muito louco pensar nele de um jeito nada platônico, afinal, se fizermos alguma merda, não temos para onde fugir.

Berramos com as mãos levantadas quando ambos os integrantes da dupla decidem escalar as estruturas de metal. Ao chegarem ao topo, tiram uma bandeira de dentro da camiseta de cada um com a frase: "CHEGA!" estampada em letras garrafais no estilo grafite, em vermelho e preto. Em seguida começaram a discursar alguma coisa, mas não entendo. Pelos gestos das mãos consigo identificar que é algum tipo de protesto e, quando terminam, ambos os cantores deixam o microfone cair no chão do palco.

Sempre admirei artistas os quais usam suas vozes para algo voltado para o lado social. Nem tudo é fantasia ou poesia. Músicas que encaram a realidade parecem se envolver ainda mais com a verdade e ressoam pelos mais diferentes públicos.

Acho sensacional quando as bandas se posicionam com qualquer causa em que acreditam.

Escrevo no meu bloco de papel e passo o bilhete ao Murilo assim que encontramos um lugar vazio para sentarmos na grama. A tarde ainda está bonita, ensolarada e não tem nenhuma nuvem no céu.

Eu também. Tem alguma que você mais gosta?

O 'Bêbado e o Equilibrista' das músicas nacionais e 'Revolution' dos Beatles entre as internacionais.

Escrevo sem nem pensar lembrando das manhãs de domingo com meu pai, na cozinha, enquanto ele me ensinava a preparar seus pratos favoritos. Sempre tínhamos a companhia de Elis Regina. Apesar de não ouvi-la, apenas a vibração da voz dela até hoje me deixa toda arrepiada.

E você?

Complemento e passo o papel ao Murilo que, por sua vez, pensa um pouco ao batucar a caneta no joelho.

` Killing In The Name' do Rage Against The Machine entre as internacionais e 'Apesar de Você' do Chico Buarque entre as nacionais.

Você foi bem mais político.

Faço a observação e ele sorri ao lê-la.

Acho que todo mundo tem que ser, sabe. Se a gente ficar quieto só aguentando as atrocidades de quem tá em posição de poder, tipo a brutalidade da polícia, o que vai ser do mundo, sei lá, em 2020?

Como podem apenas algumas palavras –sobre política e sociedade –, fazerem meu coração disparar desse jeito?

Concordo com você. Me lembro de participar dos Caras Pintadas junto com meu pai. Eu ainda era pequena, mas começava a entender o papel que o povo precisa ter perante à sociedade. Deve ser por isso que não tenho medo, nem vergonha de enfrentar ou de pedir algo que eu precise.

Murilo lê o meu parágrafo e concorda ao fazer um sinal positivo com a cabeça. Em seguida, pega a caneta de minha mão.

E qual música que você usa pra lavar a alma? Sabe aquela que você grita, sacode as mãos e pula, especialmente de baixo do chuveiro?

Não penso duas vezes.

` Dig-Dig-Joy' - Sandy & Junior.

Ele lê e permanece imóvel. Pisca ao revezar entre mim e o papel, até eu me render com uma gargalhada.

Tô brincando. Pra mim, é 'You Oughta Know' da Alanis. Mas se bem que se estou com Téo, dançar passo a passo a coreografia de 'Dig-Dig-Joy' tem quase que o mesmo efeito. E a sua?

'Helter Skelter' dos Beatles. Era a música que eu mais queria aprender a tocar quando comecei. Mas não posso deixar passar em branco o fato de minhas sobrinhas me fazerem ouvir Spice Girls toda santa vez que a gente se encontra. Até me tornei um Spice honorário.

Pronto, o cara é gato, tem senso de humor, bom gosto musical e ainda fala sobre *Spice Girls* com brilho nos olhos. Tudo bem que essas faíscas podem ser pelas sobrinhas, mas ainda assim, agradeço aos céus por ter sido algemada a ele. Tenho vontade de me jogar em cima dele, mas apenas sorrio.

Passamos alguns minutos em silêncio até meu olhar cair na roda-gigante.

— Vamos? — digo apontando ao brinquedo cuja a fila aparenta estar bem menor do que antes.

Murilo concorda e seguimos pela multidão.

A fila não demora e logo estamos dentro na cabine, a qual sobe lentamente balançando.

Subimos devagar e me distraio ao ver as pessoas ficarem menores a cada segundo. Sinto um toque suave em meu ombro e Murilo me passa o bloco de papel.

Posso te fazer uma pergunta?

— Claro — respondo verbalmente. Ele volta a atenção ao papel.

Você consegue ouvir música?

Leio.

Releio.

Não consigo formular uma resposta para a mesma pergunta que respondi tantas vezes até perder a conta. Não me sinto incomodada pela dúvida, mas sim intrigada pela expressão de

curiosidade genuína – como quem realmente quer saber algo sobre *mim* e o poder de acrescentar algo a ele. É incrível como a gente aprende a ler e interpretar o olhar de alguém.

Murilo balança os braços em frente ao meu rosto e passo minha atenção do papel a ele.

– Essas perguntas te incomodam? — os lábios dele são articulados e a fala sai pausada para que eu possa entendê-lo sem problema.

– Não quando são feitas por curiosidade ou quando a pessoa realmente quer aprender sobre mim — verbalizo, porque quero olhar para ele enquanto conversamos. O papel ajuda, mas também é cansativo e me priva do essencial em uma comunicação. O olhar.

– Eu consigo ouvir alguns sons — continuo e pauso até ter certeza que ele me ouve. — Se a música estiver bem alta, fica mais fácil de ouvir, mas ainda tenho dificuldade com as notas agudas. A vibração dos sons e poder ler as letras nos encartes dos álbuns deixam a experiência mais completa. Não preciso mais ouvir a música, eu consigo sentir *aqui* — toco bem no espaço entre o pescoço e peito dele. Engulo a seco. Pisco algumas vezes e retiro a minha mão tão rápido que parece queimar com o calor do corpo.

– Como se diz maravilhosa em... — ele pausa.

– LIBRAS, Língua Brasileira de Sinais — sorrio.

– Isso, em LIBRAS.

Respiro fundo, posiciono minha mão esquerda aberta com a palma virada para cima para cima em frente ao peito e a fecho dedo por dedo começando pelo mindinho. Murilo repete o sinal e olha para mim em busca de aprovação.

– Ótimo — digo ao abrir um sorriso capaz de alcançar minhas duas orelhas.

– *Maravilhosa* — ele sinaliza e aponta à vista.

– *Sim* — sinalizo e verbalizo com o punho fechado e o movimentando para a frente e para trás, enquanto olhamos as pessoas que parecem formiguinhas daqui de cima. É possível enxergar os três palcos, a galera pulando, comendo e se divertindo como se estivéssemos a assistir de fora do lugar. É incrível.

Enquanto descemos, ele pede para eu ensinar outros sinais e conseguimos passar pelos mais básicos, como: *por favor, desculpa, meu nome é e obrigado*. Ele aprende rápido e até consegue sinalizar: *Meu nome é Murilo*, o que faz meu estômago dar voltas, mas de um jeito bom e empolgante. Tenho a sensação nos conhecermos há muito mais tempo do que apenas algumas horas.

Acompanhamos o show de uma banda punk no qual a gente literalmente se jogou. Caímos em uma roda de bate cabeça e minha sensação inicial foi de morte iminente. Porém, sentir a música arder por todo o meu corpo me faz fechar os olhos e pular em qualquer direção que possamos ser jogados.

Não vou mentir: meu pulso algemado dói demais, mas não o suficiente para me arrepender quando o show chega ao fim.

Ao avistá-lo ao meu lado, vejo um Murilo completamente suado, assim como eu. Reparo na testa e nariz franzidos ao lembrar de nossos pulsos.

— Tá doendo, né? — digo enquanto olho para ele.

— Tá, acho que a gente exagerou — seus lábios respondem.

— Vamos sentar ali — aponto para uma área de descanso com alguns pufes e até redes penduradas.

Ele concorda e andamos com cuidado para não nos puxarmos mais ainda. Ao sentarmos, tiro o bloco de papel e caneta da minha pequena bolsa e penso em alguma coisa para escrever.

Você tem uma música de tomar banho?

Escrevo, por fim, morrendo de vergonha da minha falta de criatividade e noto que ele responde aos risos.

‘Don’t Stop Me Now’ - Queen. Quando tô de bom humor, canto, uso a embalagem de shampoo de microfone até arrisco uns movimentos do Freddie Mercury, mas isso é segredo. Não conta pra ninguém.

Corro meus olhos do papel para ele que está com o indicador em frente à boca em um sinal de silêncio, o que me faz rir, inclusive, porque esse é realmente o sinal para silêncio.

LIBRAS é simplesmente sensacional. Tento pensar no máximo de sinais que posso para afastar a imagem intrusa de Murilo no banho.

E a sua?

Penso antes de escrever.

‘ Como Nossos Pais’ da Elis. Fico só imaginando alguém para apontar o dedo ao mesmo tempo em que digo frase por frase da canção enquanto meu cabelo fica todo para cima com shampoo.

Mas me diz, por que Smashing Pumpkins?

Por que não? Na verdade, é a combinação de melodia e letras e é uma banda que me instiga muito. Se a gente pegar a letra de ‘Today’, não imagina o significado mais obscuro nas palavra de Billy Corgan. Também é uma banda que me motiva enquanto estou no laboratório.

Droga, agora não vou mais conseguir tirar da cabeça a imagem do Murilo de jaleco movimentando tubos de substâncias perigosas. Como é que eu posso imaginar isso de uma forma sexy tão rápido?

Valeu cérebro.

Tento me concentrar em uma resposta decente que não seja: “Eu quero muito te ver de jaleco e se você quiser, pode estudar a biologia do meu corpo”.

Te entendo. De vez em quando eu fecho o restaurante para o meu pai ir para a casa mais cedo, então, é minha chance de dominar os alto-falantes e colocar algo que eu gosto. Não que eu implique com a MPB que ele sempre deixa ao fundo – adoro –, mas é bom variar o cardápio. E quanto mais alto, melhor! Coloco minhas mão sobre as caixas de som e as sinto tremer com a melodia de cada canção.

Ele sorri e concorda com a cabeça. Nenhum de nós se move ou tenta preencher o “vazio”.

Estamos sentados lado a lado enquanto a tarde caminha para o fim. O sol começa a se pôr e tudo está alaranjado com toques de rosa no céu – fico hipnotizada com a explosão de cores. Minhas pernas estão cruzadas tipo borboleta e Murilo está com uma das pernas dobradas em frente ao peito, com a outra esticada. Sem pensar, deito a minha cabeça no ombro dele e sinto seus dedos acariciarem a pele exposta de meu joelho pela calça jeans rasgada. Sinto um arrepio percorrer todo meu corpo e suspiro, querendo ficar presa a esse momento para toda a eternidade.

Juro que abriria mão de *Smashing Pumpkins* só para ficar aqui, aconchegada ao cara que acabei de conhecer e tudo o que sei dele foi dito por meio de bilhetes escritos no meu minúsculo bloco de papel – provavelmente, a gente nem se conheceria de não tivéssemos sido algemados e obrigados a passar o dia inteiro juntos.

Minha respiração começa a acelerar e de repente sinto uma necessidade avassaladora de mudar o foco dessa situação para algo que esteja mais ao meu controle. Pego o papel e rabisco.

Me conta um segredo.

É tudo o que eu escrevo e antes que eu possa rabiscar e pensar em outra coisa, ele já pegou o bloco da minha mão para responder.

Ainda moro com meus pais e os dois fazem de tudo por mim, mas tenho um apartamento em vista que vou dividir com um colega de turma. Não faço ideia de como dar a notícia para os dois.

— Vocês são muito unidos? — pergunto enquanto olho bem em seus olhos.

A gente se dá muito bem e os dois fazem de tudo para que não precise me preocupar com nada, além da faculdade e do meu trabalho no laboratório. Só que ter a minha mãe entrando no meu quarto para guardar minhas roupas

passadas não é exatamente a ideia de liberdade que sempre tive em mente, sabe.

Agora é a sua vez.

Eu leio e levo pelo menos um minuto – que mais parece uma hora – para pensar em uma resposta. Escrever é muito mais difícil do que simplesmente falar, seja com a minha voz ou com as minhas mãos, porque é possível dizer o que está em minha mente sem ter tempo ou a preocupação com as palavras ou tempo para pensar. Por isso, escolho verbalizar minha resposta, a qual uso como desculpa para olhar a reação imediata ao me ouvir.

– Eu cresci sem a minha mãe e meu pai sempre teve muita coisa *pra* cuidar no restaurante e tal...

– Desculpa, não tive intenção de... — ele me interrompe e leio seus lábios, mas Murilo também para no meio da frase sem saber como continuar.

– Tudo bem, eu já fiz as pazes com tudo isso. Acontece que eu tenho cinco tias que querem me compensar por tudo isso e fico sufocada às vezes. Eu sei que elas têm a melhor intenção do mundo, mas também acreditam que eu não posso fazer nada sozinha e que preciso de uma babá vinte e quatro horas por dia.

Ele demonstra entender o meu ponto.

– O que eu mais detesto nisso tudo — continuo — é ser tratada com inválida ou coitada. Sim, perdi minha mãe. Sim, meus ouvidos não funcionam como os das outras pessoas, mas eu sou capaz de tanta coisa, só preciso de uma chance, de um voto de confiança.

Sinto confiança no olhar de compreensão de Murilo. Não estamos na mesma pele, mas dividimos o sentimento de *sufoco* por alguém estar sempre pronto a tomar conta da gente.

– Você sente raiva? — ele pergunta ao pronunciar devagar e muito bem as palavras.

– Do quê?

Ele aponta para os próprios ouvidos e permaneço quieta. A expressão dele é suave e agradeço mentalmente por não pedir desculpas.

Eu não sou de cristal, nem desmancho quando não sou tratada com toda a delicadeza da face da terra. A questão é que uma parte das pessoas tem medo de dizer a palavra “surdo” – como se fosse um *palavrão* quando é só uma característica de alguém, tipo cor do cabelo e altura.

– Não sinto raiva de não ouvir, mas sim de pessoas que se recusam a ajudar no que preciso ou me tratam como se eu fosse quebrar, em meio a olhares de piedade.

Antes que ele tivesse a chance de responder, percebo os olhos dele ficarem maiores e vidrados em alguma coisa atrás de mim. Ao me virar, reparo na garota *foda* que toca bateria na banda dos amigos de Murilo.

Ela chega com todo aquele estilo e atitude. E, de repente, se abaixa para tascar um beijo nos lábios do meu companheiro de algemas.

Tudo acontece muito rápido.

Ele tenta nos apresentar, mas não consigo entender o que as pessoas estão falando – mesmo depois de nos levantarmos e ficarmos da mesma altura, eles conversam intensamente. Por fim, surge o baixista estiloso. O cara se junta a nós puxando um rapaz de cabelo na altura dos ombros pela mão, em quem dá um selinho carinhoso.

Foco, Ana!

Digo para mim mesma em uma conversa interna.

Sinto meu sangue ferver.

A menina deve ser namorada do Murilo e eu aqui achando que rolaria alguma coisa entre nós dois.

Que burra! Provavelmente, se não tivéssemos sido obrigados a ficar grudados por conta dessas malditas algemas, nunca teríamos interagido.

Percebo Murilo apontar aos nossos pulsos vermelhos. Neste momento, todos viram a cabeça para a multidão como se procurassem alguém e, inesperadamente, sou puxada pelo Murilo, que decide seguir os amigos.

Eu tento usar a minha voz para perguntar: *Que porra está acontecendo?* Mas sinto a minha garganta fechar e uma irritação

quase incontrolável dominar meu corpo. Minha mandíbula está travada e meus dentes cerrados a ponto de doer. Uso toda minha força para fincar meus pés no chão e puxar o pulso algemado de Murilo com o meu. Sinto uma pontada seguir por todo meu braço, mas consigo fazer com que ele pare e me olhe.

— Ai! — sua testa está franzida de dor e ele leva a mão livre até a outra e começa a massagear.

— O que *tá* acontecendo? — sinto minha voz embargada, mas respiro fundo e o encaro.

— Meus amigos sabem onde a menina que prendeu a gente está. Ela tem a chave — leio seus lábios enquanto ele aponta para o pessoal e faz o sinal de chave com o punho fechado. O gesto é bem intuitivo e ele mais uma vez acertou sem saber.

Então, finalmente, entendo todo o desespero. Ele quer achar logo a chave para ficar livre de mim. Eu é que não vou empacar os planos dele.

— Vamos — digo sem olhar para ele ao seguirmos pela multidão.

Sinto meu rosto esquentar enquanto andamos, mas não é por conta do calor, já que a tarde está no fim e uma brisa fresca passa pelos meus cabelos. Não consigo identificar o que sinto agora, não é raiva, mas uma irritação imensa que me domina por dentro e faz meu sangue ferver.

Estou irritada comigo mesma por criar tantas expectativas em apenas algumas horas. E porque tenho meus pés muito bem cravados no chão. Não sou de viajar e nem de criar fantasias as quais vivem apenas em minha mente. Como é que vim parar aqui? Odiando o fato de que o cara que foi algemado a mim, em um festival, quer apenas ter as mãos dele e a vontade própria de volta?

Bufo feito um touro enquanto ando, mas meu humor melhora quando vejo Téio abraçado junto ao Fred, encostado no ombro do garoto.

Meu amigo me vê e sai correndo em minha direção fazendo seu... o Fred correr atrás.

— *Que cara é essa, Ana? Tá tudo bem?* — os olhos dele estão arregalados de preocupação, o que faz todos pararem por um

instante.

— *Os amigos do Murilo sabem quem tem a chave das algemas* — digo com sinais ríspidos e sem nenhuma vontade.

— *E vai ser bom ter suas mãos de volta, certo?* — as sobrancelhas estão arqueadas e ele sabe que tem mais por de trás de tudo. Só não quero entrar em detalhes.

— *Tanto faz* — dou de ombros e de repente sinto todos os olhos em nós e tenho vontade de dar de ombros mais uma vez, porque eu realmente não ligo e muito menos me importo que as pessoas ainda fiquem chocadas ao ver alguém se comunicando por sinais. Imagina se algum dia encontrarem com Stephen Hawking?

— *A gente vai junto* — Téó também verbaliza e puxa Fred pela mão que nos segue sem entender nada. Vejo o meu amigo explicar para onde estamos indo. É neste *flash* que percebo que Fred está mais solto, pelo jeito, a companhia do meu amigo fez bem para ele. O mais fofo é que os dois agem como se namorassem há anos.

Sorrio e volto a minha atenção para o caminho que percorremos entre as pessoas. Andamos por alguns minutos até chegarmos em frente a umas barreiras de metal, as quais delimitam o espaço do festival, quase como uma cerca.

A amiga do Murilo, a qual não consegui entender o nome, conversa com um cara de no mínimo um metro e noventa, cabelos compridos e *piercing* no nariz. Mais uma vez estou no escuro e, sem entender nada, olho para Téó.

— *Ele é namorado da menina que algemou vocês. Ela tá bem, deixou a chave com ele e passou o dia todo na enfermaria* — ele interpreta.

Vejo o cara entregar uma chave prata e pequena para a amiga do Murilo que se vira e vem para nossa direção saltitando e sorrindo, mas Téó se mete na frente dela e tira a chave de suas mãos. Não consigo evitar e sorrio para o chão.

Meu amigo segue para o meu pulso primeiro, óbvio, e quando sinto o bracelete de metal afrouxar, sou inundada por um alívio enorme, ao mesmo tempo que uma sensação de perda, porque pelas últimas seis horas, eu vivi em um mundo paralelo. Agora, sou chutada para a realidade como uma bola de canhão.

Instintivamente, levo minha mão livre para meu pulso recém libertado e massajeio a área avermelhada e dolorida. Corro meus olhos para o lado direito e vejo Murilo fazer o mesmo com o olhar fixado em mim.

Ele sorri de um jeito fechado, sem mostrar os dentes e por um segundo penso que nossa conexão não existiu apenas dentro da minha cabeça. Então, o vejo se posicionar de frente para mim e percebo que está com a minha caneta em mãos. Meu bloco de papel não está em nenhum lugar. Reviro minha pequena bolsa e também não está comigo. Sinto meu coração parar e o ar sair completamente de dentro de meus pulmões.

Como é que fui perder toda a nossa conversa?

Murilo pega em minha mão que estava livre, vira de palma para cima e desliza a caneta pelo meu braço.

Meu coração, que podia jurar estar paralisado, mostra-se mais agitado do que nunca. Sinto como se ele fizesse piruetas dentro de meu peito, enquanto a caneta desliza junto às mãos dele ainda nas minhas. Não consigo olhar para ele. Foco minha atenção em meu *All Star* sujo.

Quando ele termina, apenas alguns segundos depois, sinto, pela segunda vez em tão pouco tempo, uma nova sensação de perda: a do toque dele.

Me espera.

É tudo o que está escrito em meu braço, ele decorou as palavras com asteriscos e estrelas – não consigo parar de sorrir.

Então, Murilo puxa a amiga pela mão, que por sua vez pendura em seu pescoço, e gruda os lábios dela nos dele. Não consigo olhar. Apenas me viro para a direção oposta e começo a andar com passos rápidos e raivosos.

Sinto alguém segurar meu ombro e vejo Téo ao meu lado.

— *Onde você vai?* — os olhos dele estão grandes.

— *Dar uma volta, preciso de ar* — respondo com sinais rápidos e precisos.

Vejo que ele fica sem palavras. Apenas o abraço.

— *Qualquer coisa, a gente se encontra em frente à roda gigante logo depois do show* — digo em sinais. Beijo o rosto dele e me enfito entre as pessoas.

O sol já se pôs e a única iluminação vem de refletores e de luzes dos palcos, os quais deixam tudo e todos como uma imagem vinda de um caleidoscópio. Perco a noção do tempo ao observar a vista do topo de um morro. Sinto a vibração dos alto-falantes dentro de mim. Fecho os olhos, respiro fundo e me adapto à nova realidade. Téo diz que eu faço isso muito bem: me adaptar a novas situações e me encaixar em diversos tipos de contexto. Desconfio que fui obrigada a aprender e, por isso, todos os meus esforços estão focados a afastar o turbilhão de sentimentos provocados pelo dia que eu tive.

Ainda tenho duas horas antes do show da minha banda favorita começar e quero sentir cada segundo da apresentação pela qual esperei tanto tempo.

Reflito e chego à conclusão de que meu dia foi incrível.

Incrível?

Incrível, ponto final.

Conhecer o Murilo foi uma experiência única e apesar de minhas expectativas frustradas, ele foi a primeira pessoa que me tratou sem medo. Com ele, não fui obrigada a ficar entre ser surda e ouvinte, só me senti eu mesma. Como se eu não precisasse de um rótulo para me definir. Foi tão fácil explicar meu mundo, minha realidade para alguém disposto a ouvir e aprender.

Minha amizade com Téo é um caso à parte, porque ele me conheceu antes e depois. Meu melhor amigo aprendeu uma nova forma de comunicação junto comigo, então, não precisei explicar nada para ele. Aprendemos tudo juntos como se fossemos uma dupla de super-heróis lutando contra o mundo à nossa volta.

Sorriso contente com minhas reflexões e decido seguir para o palco central, onde o último show acontecerá em menos de uma hora.

Ao ver a multidão amontoada em frente ao palco, encontro um lugar um pouco mais distante e vazio o suficiente para curtir sem esbarrar em ninguém.

Sinto meu coração dar cambalhotas.

Com a aproximação dos minutos e da banda ali, pertinho de mim, sou dominada por uma expectativa enorme que me envolve da cabeça aos pés. Observo as luzes se apagarem devagar e fecho os olhos para sentir as vibrações dos gritos da multidão – é a melhor sensação do mundo.

Quando direciono minha visão ao palco, vejo Billy Corgan e companhia entrar com passos lentos e acenando para o público.

Meu corpo inteiro treme com as primeiras notas dos instrumentos e grito enquanto afasto as lágrimas insistentes que teimam em brotar em meus olhos. Me recuso a deixar que minha visão seja comprometida nem que seja por um segundo. Quero guardar cada momento deste show para sempre em minha memória e me arrependo amargamente de não ter uma câmera de vídeo para gravar cada detalhe e assistir um milhão de vezes depois.

Eu pulo e grito sem me importar com quem está ao meu redor, porque todos fazem a mesma coisa. Milhares de pessoas completamente diferentes com histórias únicas e unidas por apenas um propósito.

A música.

É impossível não me encantar pela D'arcy Wretzky. Ela se apropria do baixo de uma maneira, a qual parece que o instrumento é parte do corpo dela. A expressão permanece gélida e imutável como se fosse uma rainha – e olhar só para ela durante o show, é quase inevitável.

Rápido demais, as luzes se apagam e os integrantes se despedem do palco, mas eu sei que o show ainda não acabou. Respiro e me preparo para as três últimas músicas.

De repente, olho para meu lado direito e vejo Murilo se aproximar. Pisco várias vezes, porque tenho certeza de que é só a minha imaginação pregando uma peça.

— *Desculpa.* — Ele sinaliza e tenho certeza que meus batimentos cardíacos acabam de formar uma linha reta.

Ele chega perto o suficiente para eu consiga ler seus lábios perfeitamente e eu não consigo formar sequer uma palavra.

Fico me perguntando o que ele está fazendo aqui comigo e por que veio se desculpar. Afinal, em teoria, ele não fez nada para me magoar.

— *A Amanda não é minha namorada, nem a pessoa que queria ter beijado hoje* — Murilo continua a sinalizar e meu corpo derrete.

— Como... — murmuro incrédula por ele usar sinais os quais não ensinei e ele sorri apenas com um canto da boca e olha para trás onde Téo e Fred chegam abraçados.

Não consigo evitar o sorriso, porque sei que estou sendo vista por mim e não por um rótulo.

Meu corpo estremece com as vibrações da banda voltando e consigo reconhecer *Tonight Tonight* ecoar enquanto meu coração transborda.

Billy Corgan tem a total razão quando diz que o tempo não existe.

Tenho certeza que vou sair deste festival deixando um pedaço meu aqui, nesta grama, nesta noite, neste momento, ao ver a minha banda favorita tocar a canção que mais gosto. Por hoje, sei que o impossível realmente é possível – nem que seja só por esta noite.

Murilo segura minha mão quando a música acaba. Significa também o fim do festival com fogos de artifício colorindo o céu estrelado. Viro-me de frente a ele.

Assim como o casal do clipe da música que acabamos de ouvir e sentir, mergulhamos em nosso próprio universo quando diminuo a distância entre nós e nossos lábios se encontram.

Recursos

A comunidade da qual Ana faz parte é maravilhosa e possui uma cultura muito interessante, rica e que vale a pena conhecer.

Existem inúmeros recursos que nos permitem conhecer e principalmente aprender sobre uma realidade que pode ser muito diferente daquela em que vivemos.

[Blog do Hugo](#) - conta com diversas informações sobre acessibilidade, além de ser uma ótima ferramenta para aprender mais sobre capacitismo.

[Cultura Surda](#) - o site promove produções culturais da comunidade surda de vários países.

[Instituto Phala](#) - localizado em Itatiba, interior de São Paulo, promove desenvolvimento para surdos e também aulas de LIBRAS e outras línguas de sinais.

Além desses blogs, existem vários produtores de conteúdo, como o [Gui Fernandes](#), que fez a leitura sensível deste conto e é um youtuber surdo que produz vlogs sobre seu dia a dia.

Agradecimentos

Publicar uma obra por conta própria é um trabalho muito árduo, mas sou eternamente grata à algumas pessoas que tornaram todo esse processo muito mais agradável.

A capa foi feita pela maravilhosa Ana Carolina ([@anature.art](https://www.instagram.com/anature.art) no Instagram). Ela conseguiu colocar exatamente tudo o que eu imaginava e não poderia estar mais feliz com o resultado.

Seria impossível ter terminado este conto sem a leitura sensível do Gui Fernandes que foi tão legal, receptivo e apoiou a minha ideia desde o primeiro contato. Não canso de dizer obrigada!

Preciso mencionar que o meu companheiro de signo Willians Glauber, me guiou de todas as formas possíveis, é meu beta reader do coração e foi um privilégio dividir todo esse processo com um escritor talentosíssimo e que admiro muito.

Também quero agradecer aquele que sempre diz e escreve as palavras mais lindas desse mundo, Gui Zambonini. Além de ser meu beta reader, editor, crítico, ele também faz o papel de meu anjo da guarda e melhor amigo 24 horas por dia.

Aos meus leitores, deixo o meu pedido para que saiam da caixa e busquem se informar sobre culturas, realidades e pessoas com vidas diferentes da sua. Perceber e aceitar as diferenças das pessoas ao nosso redor é um caminho maravilhoso sem volta.

Sobre a Autora

Nascida e criada no interior de São Paulo, Camila desprende-se de rótulos e de endereços postais quando o assunto é literatura. Pronta para colocar uma mochila nas costas – sempre com espaço para um livro e bloco de anotações –, ela ganha o mundo atrás das próprias histórias.

Ela acumula shows, festivais e leituras a perder de vista. Teve o seu momento de contemplar o céu repleto de fogos de artifícios, durante uma apresentação de *The Smashing Pumpkins*, em São Paulo. Afinal, na arte e na vida, há espaço para todos.

Foi do Comércio Exterior ao curso de Escrita Criativa, em Nova York. É professora de inglês e estuda Letras & Tradução.

E, a partir da música e da escrita, quer aproximar as pessoas como se todos estivessem em completo uníssono.

Assim como ela, deixe o seu coração dar cambalhotas ao valorizar sorrisos com dentes e olhares despidos.

Twitter: [@camis_psouza](https://twitter.com/camis_psouza)

Instagram: [@camis_psouza](https://www.instagram.com/camis_psouza)

E-mail: camipsouza@gmail.com